

Texto 1

Lira XXVII

Alexandre, Marília, qual o rio,
Que engrossando no Inverno tudo arrasa,
Na frente das coortes
Cerca, vence, abrasa
As Cidades mais fortes.

Foi na glória das armas o primeiro;
Morreu na flor dos anos, e já tinha
Vencido o mundo inteiro.

Mas este bom soldado, cujo nome
Não há poder algum, que não abata,
Foi, Marília, somente
Um ditoso pirata,
Um salteador valente.

Se não tem uma fama baixa, e escura,
Foi por se pôr ao lado da injustiça
A insolente ventura.

O grande César, cujo nome voa,
À sua mesma Pátria a fé quebranta;
Na mão a espada toma,
Oprime-lhe a garganta,
Dá Senhores a Roma.

Consegue ser herói por um delito;
Se acaso não vencesse, então seria
Um vil traidor proscrito.

O ser herói, Marília, não consiste
Em queimar os Impérios: move a guerra,
Espalha o sangue humano,
E despovo a terra
Também o mau tirano.

Consiste o ser herói em viver justo:
E tanto pode ser herói pobre,
Como o maior Augusto.

Eu é que sou herói, Marília bela,
Seguindo da virtude a honrosa estrada:
Ganhei, ganhei um trono,
Ah! não manchei a espada,
Não roubei ao dono.

Ergui-o no teu peito, e nos teus braços:
E valem muito mais que o mundo inteiro
Uns tão ditosos laços.

Aos bárbaros, injustos vencedores
Atormentam remorsos, e cuidados;
Nem descansam seguros
Nos Palácios, cercados
De tropa, e de altos muros.

E a quantos nos não mostra a sábia História
A quem mudou o fado em negro opróbrio
A mal ganhada glória!

Eu vivo, minha bela, sim, eu vivo
Nos braços do descanso, e mais do gosto:
Quando estou acordado,
Contemplo no teu rosto,
De graças adornado;

Se durmo, logo sonho, e ali te vejo.
Ah! nem desperto, nem dormindo sobe
A mais o meu desejo!

GONZAGA, Tomás Antônio. Marília de Dirceu. In: A POESIA dos
inconfidentes. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.

Texto 2

Olha, Marília, as flautas dos pastores

Olha, Marília, as flautas dos pastores
Que bem que soam, como estão cadentes!
Olha o Tejo a sorrir-se! Olha, não sentes
Os Zéfiros brincar por entre flores?

Vê como ali, beijando-se, os Amores
Incitam nossos ósculos ardentes!
Ei-las de planta em planta as inocentes,
As vagas borboletas de mil cores.

Naquele arbusto o rouxinol suspira,
Ora nas folhas a abelhinha para,
Ora nos ares, sussurrando, gira:

Que alegre campo! Que manhã tão clara!
Mas ah! Tudo o que vês, se eu te não vira,
Mais tristeza que a morte me causara.

BOCAGE, Manuel Maria Barbosa du. *Literatura comentada*. São
Paulo: Abril Educação, 1980.

Os dois textos têm uma intenção nitidamente didática, entendida no campo da lição sentimental.

QUESTÃO 1 – Relacione esse didatismo com o período em que os autores viveram.

Ambos os autores trazem aspectos didáticos em seus poemas, ligados ao estilo de época Arcade ou Neoclássico, assim como ao momento histórico do Iluminismo, Revolução industrial e da Inconfidência Mineira no contexto brasileiro. No primeiro poema, Thomás Antonio Gonzaga manifesta seu didatismo ao ensinar a sua amada Marília a figura do herói clássico que os árcades buscavam reconstruir. Já no poema de Bocage, os ensinamentos enfocam a fuga para o campo e o amor moderado.

QUESTÃO 2 – No texto 1, qual o elemento fundamental em que se assenta a proposta didática? Explique.

O elemento fundamental é a comparação do verdadeiro herói – na concepção do eu lírico – ao conceito de herói guerreiro e vencedor, constituído ao longo da História. No poema, o heroísmo está ligado não necessariamente a figuras destemidas, capazes de conseguir aquilo que desejam por meio da força, mas, sim, ao indivíduo capaz de levar uma vida simples, justa, dedicado a sua amada.

QUESTÃO 3 – No texto 2, o modelo da lição é bem diferente do da anterior. Aponte esse modelo e explique.

No texto 2, o soneto de Bocage, em acordo com o estilo árcade, descreve uma paisagem amena e agradável em suas três primeiras estrofes, nas quais o eu-lírico incentiva Marília a observar a beleza da natureza. Nos últimos versos, contudo, ele afirma que nada daquilo lhe trará felicidade se a amada não estiver presente.

QUESTÃO 4 – Em ambos os textos a interlocutora do eu-lírico é chamada de “Marília”. Explique o mesmo nome usado por poetas diferentes, em locais diferentes.

“Marília” é um codinome/pseudônimo usado por autores árcades para designar a mulher amada, a “musa inspiradora”, nem sempre real. É, portanto, uma convenção árcade, cujos nomes, em sua maioria, eram tomados da poesia pastoril clássica. Embora procedentes de locais distintos, os dois autores pertenciam à mesma escola literária, o Arcadismo.